

FICHA TÉCNICA

facebook.com/manuscritoeditora

© 2017

Direitos reservados para Letras & Diálogos,  
uma empresa Editorial Presença,  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Título original: *A escola que temos e a escola que queremos*

Autor: *Rui Lima*

Copyright © Rui Lima, 2017

Copyright © Letras & Diálogos, 2017

Revisão: *Paulina Amaral/Editorial Presença*

Imagens da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Fotografia da contracapa: © Jorge Nogueira

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

ISBN: 978-989-8818-82-9

Depósito legal n.º 421 202/17

1.ª edição, Lisboa, março, 2017

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	11
1. De aluno a professor .....	15
2. A Escola não pode ser uma fábrica de alunos .....	27
2.1 Nativos, fugitivos e emigrantes digitais .....	32
2.2 <i>Millennials</i> e Geração Z .....	34
3. Inovar... porque não? .....	39
3.1 Dois líderes, a mesma visão .....	47
3.2 Então, porque não inovam os professores? .....	51
4. As competências-chave e a sociedade atual .....	59
5. Que deve a Escola dar aos alunos? .....	71
6. Uma Escola para todos .....	83
6.1 A Escola é uma feira de talentos .....	100
7. Trabalhos de aluno e o modelo da «aula invertida» .....	109
8. Liberdade para aprender .....	121

9. A vida é um projeto e a Escola também! .....	131
9.1 Professor do método científico .....	144
9.2 Aluno investigador .....	145
9.3 Outros intervenientes .....	146
10. Viva a discussão e o debate! .....	149
11. Espaços de aprendizagem e de convivência .....	161
12. Cenários, atores e papéis .....	175
13. Quando a Escola falha... falhamos todos! .....	185
14. Pais e professores... um trabalho de equipa .....	197
15. O meu sistema operativo é melhor do que o teu .....	211
16. <i>Skis</i> , Finlândia e importação de modelos .....	219
CONCLUSÃO .....	225
BIBLIOGRAFIA .....	229

Para os meus pais, que realmente me educaram para ser quem sou hoje. Para aquela que está sempre ao meu lado e me apoia em tudo o que faço. Para as minhas duas filhas que são uma, mas não a única, das razões por que luto por uma Escola melhor.

# INTRODUÇÃO

Quando, no início de 2016, a Manuscrito me desafiou a escrever um livro que trouxesse alguma luz ao debate acerca da Escola que precisamos para o século XXI e que rompesse com algumas das ideias que fazem dela, hoje, um espaço muitas vezes à margem do mundo em que vivemos, senti que seria importante falar das experiências que vivi ao longo destes mais de quinze anos como professor do primeiro ciclo e, posteriormente, como diretor pedagógico no Colégio Monte Flor. Seria, também, importante falar das experiências em inúmeros projetos em que tenho estado envolvido — as iniciativas relacionadas com a inovação pedagógica — e das histórias de professores, de pais e de alunos que, todos os dias, nas suas salas de aula, nas suas casas, nos seus espaços de aprendizagem e de recreio, desafiam a norma, recusam o que está preestabelecido, o que é, supostamente, imposto por um sistema que se recusa a mudar. Falamos de professores que pensam fora da caixa e que arriscam novas abordagens; falamos de alunos que «pintam o céu de amarelo às bolinhas rosa» ou dos que não conseguem o sucesso nas «disciplinas nucleares» (seja lá isso o que for), mas que possuem qualidades incríveis noutras áreas que para eles são sim nucleares; falamos de pais que se recusam a aceitar um sistema que formate os seus filhos e os transforme em autómatos desajustados no mundo em que irão viver.

A ideia de escrever este livro nasceu precisamente da necessidade de olhar para estes casos, a fim de refletir sobre várias polémicas que nos últimos anos têm surgido no seio da opinião pública. Polémicas relacionadas com a avaliação dos alunos, com a organização dos espaços de aprendizagem, com a dimensão das turmas ou com um ensino estandardizado ou até, num contexto macro, com o funcionamento do sistema educativo e das escolas, nestes casos, geralmente, em comparação com o que se vê noutros países.

Por isso, muitas das reflexões apresentadas procuram recorrer, essencialmente, à experiência vivida pelo autor, a notícias publicadas em diferentes meios de comunicação e estudos científicos mais técnicos e fiáveis, a conversas com pais e a diversos movimentos que estão a surgir e que nos últimos anos têm trazido para o espaço público vários temas que são urgentes debater.

O desafio era grande, pois, além de a Escola ser um sistema altamente complexo, que depende de uma grande variedade de fatores, a ideia, desde o início deste projeto, sempre foi escrever uma obra dirigida a todos os que se preocupam com a educação, independentemente da ligação que atualmente tenham ao sistema educativo, sejam eles professores, pais ou alunos.

O objetivo proposto era escrever algo que pusesse as pessoas a pensar, que criasse uma oportunidade para se refletir na Escola que temos, na Escola que queremos e na Escola que precisamos para os nossos filhos e, conseqüentemente, para o nosso país.

Embora observemos, recorrentemente, professores e pais em confronto, como se a Escola se tratasse de um campo de batalha, um dos pressupostos para esta obra foi precisamente a ideia de que estes não estão em lados opostos.

Os pais desejam um ensino que prepare os alunos para o futuro, os professores querem, acima de tudo, garantir

o sucesso dos seus alunos a curto, médio e longo prazo; os pais gostavam que os seus filhos fossem estimulados em diferentes domínios, do conhecimento de fundo à criatividade, os professores, dos vários domínios, gostavam que todos os seus alunos obtivessem o sucesso na sua área específica, mas também nas restantes disciplinas; os pais desejam que os alunos desenvolvam o pensamento «fora da caixa», a resolução de problemas da vida real e o sentido de responsabilidade, enquanto os professores gostavam de ter tempo e ferramentas para o fazer. No fundo, o que une professores e pais é um desejo comum de ajudar as crianças e os jovens a alcançar os seus objetivos e a ser bem-sucedidos na vida.

Mais do que apresentar soluções, fornecer receitas ou prescrever comportamentos e atitudes que conduzam ao sucesso, o principal objetivo deste livro é promover o debate, a reflexão crítica e a partilha de ideias que nos levem à aprendizagem e, assim, semear planos que estimulem a mudança nas nossas salas de aula. A mudança pode ocorrer lenta e gradualmente ou ser mais rápida e romper com o passado, pode estar em alterações de fundo nas práticas de pais e de professores, mas também pode estar em pequenos gestos ou passos. O que é inquestionável é a importância de pensarmos na mudança, na necessidade de prepararmos as nossas crianças para um mundo diferente daquele que temos hoje e no papel que cada um de nós tem nesse processo.

# 1.

## DE ALUNO A PROFESSOR

Num sistema educativo ideal, os alunos não estariam inseridos numa turma, num determinado ano de escolaridade, mas agrupados segundo o nível de competências em diferentes domínios ou por áreas de preferências. Haveria uma maior preocupação com o desenvolvimento do aluno, acompanhando-se a sua evolução em diferentes campos, procurando desenvolver-se nele as competências que lhe permitiriam crescer, aprender e viver em sociedade. Um aluno poderia estar no primeiro ano em Língua Portuguesa, mas no terceiro em Matemática. Poderia trabalhar nas áreas normalmente apelidadas de curriculares, mas também noutras que fossem mais ao encontro das suas vontades, dos seus desejos, dos seus interesses.

Todos conhecemos crianças que sabem ler com cinco anos, mas que não possuem as competências do raciocínio matemático ou a maturidade para a compreensão de conceitos das Ciências e do Estudo do Meio. Por que razão terá um aluno de sabe ler e escrever, de passar por um processo (que dura todo o primeiro ano) de aquisição de uma competência que ele já tem *a priori*? Não seria mais adequado ele realizar atividades ajustadas às suas capacidades, em vez de atividades para a sua idade ou ano de escolaridade?

Há uns anos, tive um aluno que, no primeiro ano, queria que eu lhe explicasse os números negativos. E eu expliquei.



E melhor do que isso... ele compreendeu. Era um daqueles alunos que precisava de aprender a ler e a escrever, pois não possuía essas competências, porém, quando estávamos a explorar a Matemática, os conteúdos do primeiro e do segundo ano eram para si simples, fáceis e entediantes. Era desajustado este aluno trabalhar nesta disciplina com a sua turma. Já em Língua Portuguesa não revelava um desempenho acima do habitualmente evidenciado pelas crianças da sua faixa etária.

Estes exemplos extremos são, contudo, pouco úteis quando pretendemos ilustrar o que passa numa sala de aula ou generalizar para uma reflexão que permita pensar eventuais mudanças na forma como a Escola se deve organizar.

No entanto, a experiência de professores ou de pais de dois ou mais filhos é a de que o ritmo de aprendizagem das crianças, mesmo no caso de irmãos, difere bastante de criança para criança. Tomando a aquisição da leitura como exemplo, mas podendo estender-se, como é evidente, às outras áreas, há alunos que entram no primeiro ano a saber ler, mas depois, há todos os outros, em maior número nas turmas, que entram para a escola sem essa competência. Nesses casos, mesmo começando todos eles no mesmo patamar de desenvolvimento em setembro, há os que, em janeiro, já assimilaram todos os princípios da leitura e da escrita, enquanto outros chegam ao final do ano com o processo de aquisição ainda bastante atrasado. Há até os que apenas no segundo ano são capazes de evoluir significativamente neste domínio.

Estas situações são, muitas vezes, motivo de ansiedade para pais, professores e, principalmente, alunos. Ao apurarmos que alguns alunos estão bastante mais avançados do que outros, o stresse, a preocupação e a ansiedade aumentam, o que se

assume como negativo para o crescimento da criança. Alguns professores procuram razões para esse ritmo menos célere de algumas crianças; alguns pais receiam de que o filho se atrase nesse processo e comprometa irremediavelmente o desenvolvimento em todas as áreas; os alunos, esses, acabam por sofrer com a pressão que lhes é imposta, com as frustrações próprias de quem está a encontrar obstáculos e com a ansiedade de ver os colegas a alcançar objetivos que para eles ainda são uma miragem.

Se na aquisição da leitura e da escrita isso é mais visível, em todas as outras áreas essa discrepância do nível dos alunos não deixa de ter o mesmo efeito nos vários intervenientes no processo.

A organização do ciclo por anos escolares é por isso mesmo demasiado estanque, demasiado fechada, não permitindo uma maior flexibilidade e adequabilidade do processo de aprendizagem às características de cada criança.

Esta seria a Escola num mundo ideal. Esse mundo, contudo, ainda está longe de ser uma realidade. Como tal, a generalidade das escolas ainda permanece regulada segundo o modelo dos alunos organizados.

A minha escola, como quase todas por esse mundo fora, está organizada dessa mesma forma: por anos de escolaridade. Os professores acompanham os alunos no seu percurso escolar do primeiro ao quarto ano. Nem todas as escolas o fazem, quer no âmbito nacional, quer internacional.

Encontramos facilmente vantagens e desvantagens nesta forma de organizar o ciclo. Se, por um lado, alunos e professores conviverem durante quatro anos, permitirão estabelecer laços afetivos e um conhecimento mútuo entre ambos, o que, por si só, é extremamente importante numa fase da vida em que as crianças necessitam de estabelecer vínculos emocionais com quem se relacionam no dia a dia. Por outro

lado, poderá haver alguns conflitos que se prolonguem demasiado no tempo, situações de dependência excessiva em relação ao professor ou a existência de apenas uma figura de autoridade que poderá ser difícil de gerir no segundo ciclo, em que existem vários professores.

O início de cada primeiro ano de escolaridade é sempre, por tudo o que acarreta, um desafio para alunos, pais e professores. Alguma ansiedade é comum no começo de mais uma etapa importante na vida do professor e dos que iniciam o seu percurso escolar. Como tal, não são apenas os alunos a viver este momento com aquele nervoso miudinho próprio de quem procura enfrentar novos desafios, desafiar-se a si mesmo e de quem espera alcançar os objetivos ou, quem sabe, superar as suas expectativas e as de quem neles deposita grandes esperanças.

Dou por mim, inúmeras vezes, a pensar que em mais de quinze anos como professor já vivi muitas experiências que moldaram a forma de olhar a Escola e o sistema educativo. Contudo, aprendi, também, que cada ano que começa se apresenta como um novo repto, um novo patamar na evolução de todos os que vivem a Escola. Apresentam-se novos obstáculos, conflitos, passos em frente e à retaguarda, aprendizagens, mas também dificuldades sentidas por todos os que contribuem para a educação de cada criança.

No início da minha jornada como professor, gostava de referir que era um professor do novo milénio. Esta denominação não encerrava em si qualquer atitude pretensiosa da minha parte, aliás, a verdade é que esta denominação «professor do novo milénio» prendia-se apenas com o facto de ter começado a dar aulas em janeiro de 2001, precisamente no início do presente milénio. Se falar de inovação, não poderei dizer, aquando do início da carreira de professor, que as minhas aulas — caracterizadas,

essencialmente, pela transmissão de conhecimentos, pela promoção de atividades direcionadas para toda a turma, nas quais os alunos desempenhavam trabalho individual — se demarcassem do que a generalidade dos professores costuma fazer.

Dar aulas era o que fazia no início da carreira de professor! «Dar» é um verbo pelo qual nutro alguma antipatia, quando a discussão se trata da ação de aprender ou de ensinar. Muitos professores continuam a dar aulas, mas hoje acredito que essa não é a função central do professor. Dar aulas encerra em si o conceito de um professor que, qual depósito exclusivo de saber, desempenha o papel de transmissor do seu conhecimento aos alunos que, de uma forma mais ou menos passiva, mais ou menos atenta e empenhada, o recebem com vista à assimilação de conteúdos que, posteriormente, é sujeita a uma avaliação sumativa que mede o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. E era isso mesmo que, com a entrada do novo milénio, eu, professor acabado de completar a licenciatura, tinha começado por fazer: dar aulas.

A minha primeira experiência como professor foi numa escola situada na periferia de Lisboa, num contexto relativamente equilibrado, onde alunos, professores, encarregados de educação conviviam, num ambiente escolar bem organizado, com uma infraestruturra recente, bem equipada e onde era sentida diariamente uma forte participação da comunidade escolar. Uma experiência altamente enriquecedora e extremamente gratificante, a título pessoal e profissional, pois permitiu-me compreender a importância da comunidade escolar no funcionamento da organização e, consequentemente, na aprendizagem dos alunos.

Antes, fiz um estágio num contexto completamente diferente, abraçando um projeto que, não sendo meu, era de toda a gente, de toda a comunidade que vivia aquela escola

intensamente. Uma pequena escola do concelho de Almada, na margem esquerda do rio Tejo, onde, ao contrário do que seria expectável, tinha descoberto a paixão pelo ensino e pelo contacto diário com a aprendizagem das crianças. Uma comunidade em que a pobreza, a criminalidade e a toxicodependência coabitavam com o processo de aprendizagem das crianças.

Num espaço escolar composto por um edifício principal, com uma sala de aula e o gabinete da diretora e duas salas adjacentes em estrutura prefabricada — em estado deteriorado —, não havia limites para a criatividade e para o desejo de fazer algo de bom por todas aquelas crianças. Havia um refeitório onde, pelas mãos de uma cozinheira que, acima de tudo, amava aquela comunidade, se confeccionavam algumas das melhores refeições que tive oportunidade de comer numa escola. Era, aliás, este amor pela comunidade e pela proteção das crianças que movia todos os que ali trabalhavam ou que estavam diretamente envolvidos nas atividades que a escola organizava.

Era uma escola de afetos, em que a diretora, os professores, as auxiliares, alguns membros da comunidade e, está claro, a cozinheira pensavam no bem-estar daquelas crianças. Elas precisavam que a escola lhes desse não só a oportunidade de aprender, mas também de viver socialmente mais estáveis, afastadas dos problemas que as afetavam diariamente, fora do horário escolar.

O início do ano letivo era o renovar da esperança para mais um ano de muitos projetos e iniciativas em prol das crianças. No Natal, todos se juntavam numa festa que trazia a alegria a algumas crianças que muito poucas razões tinham para se sentirem felizes. Mas era no Carnaval e nos Santos Populares que a força desta comunidade escolar se sentia ainda mais. Foram vários os serões até às quatro horas da

manhã, durante vários dias consecutivos, em que participei na preparação de roupas, carros alegóricos, arcos e outras estruturas que permitiam aos alunos participar nos dois desfiles em Almada, nos quais a escola acabava sempre por se destacar e, com isso, recarregar as baterias de todos os envolvidos, motivando-os a dar ainda mais o seu melhor no ano seguinte.

Na sala de aula, esta era também uma escola diferente. A dinâmica, a experiência, a sabedoria e a dedicação de duas professoras que ali trabalhavam há mais de vinte anos permitiam que fosse uma escola onde os projetos eram uma realidade e as crianças eram desafiadas a participar em iniciativas que promoviam a aprendizagem e a aquisição de outras competências para a vida. Esta era, sem dúvida, uma escola que cumpria com o que se espera da Escola. E essa foi a maior aprendizagem que tive durante o período de estágio.

Foi nesta escola que, pela primeira vez, estive à frente de uma turma e fui capaz de perceber como o professor pode ser determinante para o crescimento das crianças e para a sua formação como cidadãos, dando-lhes oportunidades de aprendizagem e experiências significativas. Aqui, o verbo «dar» ajusta-se perfeitamente, pois todos, de pais a professores, a decisores políticos e outros elementos da vida civil, têm a responsabilidade de dar às crianças e aos jovens a chance de crescer, de se desenvolver e de adquirir competências e capacidades que as ajudem a viver num mundo em constante transformação.

O certo é que, olhando para trás, tenho a constante recordação de que, durante os meus primeiros anos como professor, a minha forma de trabalhar não diferiu, em grande medida, da maioria dos professores que me acompanharam ao longo do percurso académico. Se, por um lado, apenas alguns

professores me marcaram positivamente, pelo entusiasmo que demonstravam na arte de ensinar, pela capacidade de inspirar os alunos a fazer diferente e a pensar «fora da caixa», pelo rigor e conhecimento de fundo das áreas que lecionavam ou pela atenção e afeto que demonstravam por todos os alunos; por outro lado, o que aprendi durante a formação inicial, relativamente às abordagens pedagógicas centradas no aluno, em que este poderia e deveria ter um papel mais ativo na sua própria aprendizagem, fazia-me acreditar que seria possível pôr em prática outro tipo de trabalho no terreno. Um trabalho em que as crianças fossem mais ouvidas, pudessem descobrir as suas aprendizagens, tivessem oportunidade de discutir e partilhar as suas reflexões, conquistas, receios e problemas.

Sem dúvida que, de entre todos os meus professores, a minha professora primária (nome dado na altura ao professor do primeiro ciclo) foi quem deixou uma marca mais profunda na minha memória, no que diz respeito ao papel de um professor. A atenção que tinha com os alunos, o afeto que demonstrava por aqueles que também revelavam maior interesse pela escola e a simpatia que evidenciava todos os dias ainda me parecem, hoje, as principais funções do professor do primeiro ciclo.

Quando estava na terceira classe (como antigamente se denominava o terceiro ano), a turma recebeu a triste notícia de que o pai de um dos meus melhores amigos tinha falecido. Aquela professora, que conseguia juntar exigência, rigor e afeto na mesma pessoa, abraçou-se ao menino e nunca mais o deixou até ao final da quarta classe, sendo o seu suporte emocional, apoiando-o e estando sempre ali, pronta a ter uma palavra de conforto para com o pequeno ou um ombro amigo que o pudesse amparar numa fase mais frágil da sua vida.